



Divulgação

O AMOR E ALMA

Destaque na programação do Festival do Rio, o **novo longa de Werner Herzog, “Bucking Fastard”**, reúne as irmãs Kate e Rooney Mara em **uma narrativa intensa sobre laços frateros e a força das emoções humanas.** Em **entrevista ao Correio**, o **aclamado cineasta alemão aborda a criação do filme**, relembra a amizade com David Lynch e **reflete sobre a sensibilidade artística na era da inteligência artificial.** Pág. 2

ENTREVISTA | WERNER HERZOG

CINEASTA E ESCRITOR

‘Não gosto da palavra obsessivo. Não sou obsessivo. Sou focado’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A pedido do Correio da Manhã, ao fim desta entrevista, Werner Herzog gravou um áudio para Ruy Guerra, numa mensagem carinhosa. Há muito não se encontram, mas se admiram pacas, desde que trabalharam juntos, em “Aguirre, a Cólera dos Deuses”, em 1972, no qual o diretor de “Os Cafajestes” (1962) ataca de ator, interpretando Don Pedro de Urúsua.

Ruy, que está com uma retrospectiva na Caixa Cultural, está com 95 anos. Herzog, nascido em Munique 84 anos atrás, aparece, com o semblante da juventude, no curta “Quarto 666” (1982), do compatriota Wim Wenders, que entrou no Festival do Rio, numa versão restaurada. Além disso, ofereceu à curadoria do evento carioca, chefiada por Ilda Santiago, o magistral “Bucking Fastard”, que lhe valeu uma indicação ao Leão de Ouro de Veneza.

Essa joia estreia no Festival do Rio nesta quinta, às 19h, no Cinesystem Belas Artes, e passa de novo na sexta, às 14h15, no Estação Claro Rio. Duas irmãs da vida real, Kate e Rooney Mara vivem duas mulheres ligadas por laços fraternos, Jean e Joan, capazes de qualquer desatino por amor.

Nesta conversa, concedida ao Correio um dia depois de receber o Prêmio Donostia do Festival de San Sebastián, pelo conjunto de sua obra, o titã por trás de cults como “Fitzcarraldo” (1982) e “O Homem Urso” (2005), hoje dedicado a uma animação, avalia sua forma de filmar.

Houve um intervalo grande entre seus últimos longas de ficção e “Bucking Fastard”, onde só as estéticas do real se beneficiaram de seu olhar. Por que houve esse hiato?

Werner Herzog – Não houve realmente um intervalo. Fiz outros dez filmes e escrevi três livros. Nos últimos 20 anos, acho que realizei sete longas de ficção. Isso é muito. Há cineastas em Hollywood que fazem um filme a cada oito, nove ou dez anos. Nesse período, continuei fazendo muitos outros filmes e escrevendo livros.

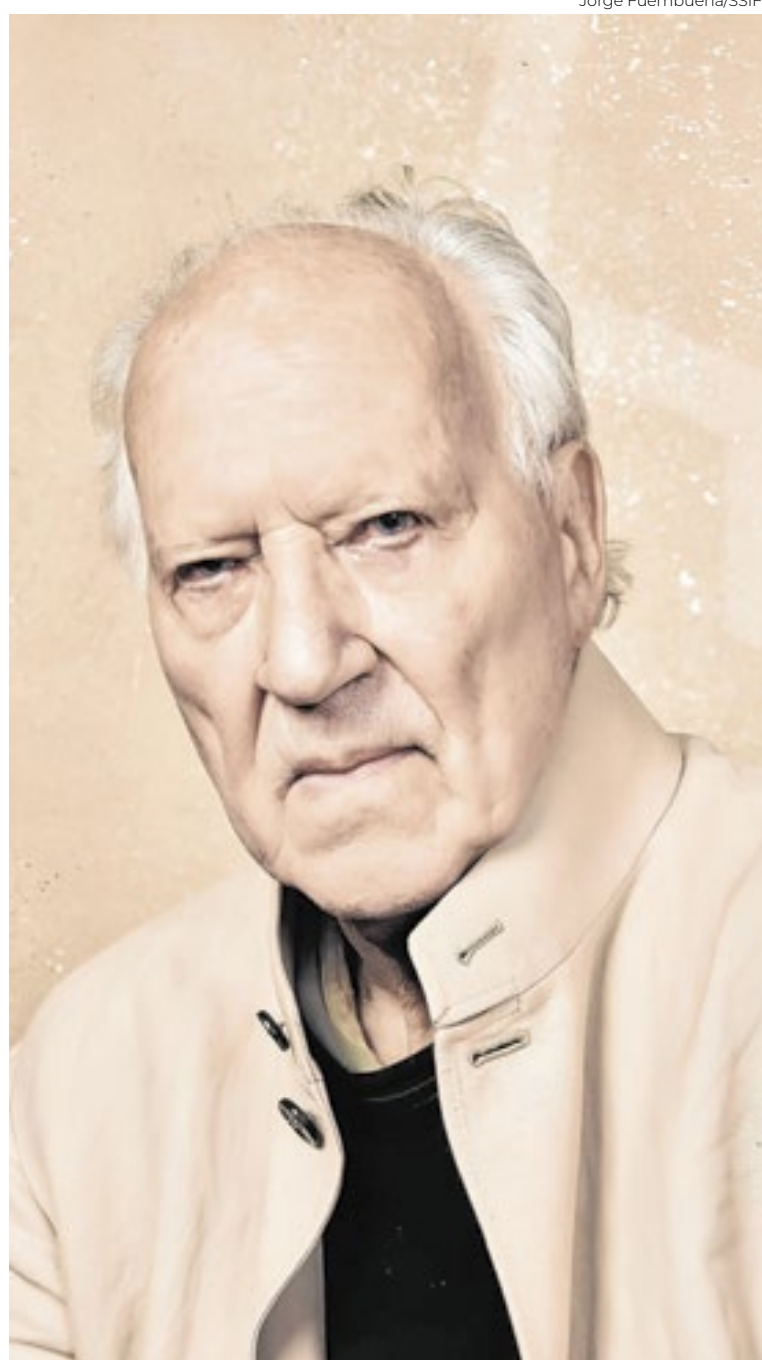
Hoje é mais difícil conseguir financiamento para realizar os filmes que o senhor deseja rodar?

Isso sempre foi um problema. Sempre trabalhei com pouco financiamento e, ainda assim, consegui fazer meus filmes. Consegui realizar todos os filmes que realmente queria fazer, sem nunca precisar ser um

mercenário... e me vender para isso. Mas fácil não foi.

Há uma dedicatória a David Lynch no início do seu novo filme. Qual é a lembrança mais forte que você guarda dele?

Tenho duas. A primeira foi quando o conheci. Eu era amigo de Mel Brooks e, certo dia, disse a ele: “Vi um filme incrível, ‘Eraserhead’”. Está completamente fora de todas as normas”. Eu tinha ouvido dizer que o cineasta era carpinteiro, que trabalhava construindo telhados, e perguntei a Mel se aquilo era verdade. Ele disse que sim. Continuei falando do filme até que Mel perguntou: “Você quer conhecer o cineasta?”. Respondi: “Claro”. Ele me levou pelo corredor do escritório, abriu uma porta e disse: “Este é David Lynch”. David estava preparando “O Homem Elefante”, que Mel Brooks produziu. Nós nos olhamos. David tinha visto alguns dos meus filmes. Ele me agarrou



Jorge Fuembuena/SSIFF

“Consegui realizar todos os filmes que realmente queria fazer, sem nunca precisar ser um mercenário... e me vender para isso. Mas fácil não foi”

fisicamente e disse: “É muito bom conhecer você”. Para mim foi a mesma coisa. Ali estava o homem que havia feito aquele filme sensacional, “Eraserhead”.

E qual é a segunda lembrança?

Muitos anos depois, disse a David: “As pessoas ficam falando

comigo sobre uma coisa chamada ‘Twin Peaks’. Dizem que foi você quem fez”. Ele respondeu: “Sim, fui eu. Venha à minha casa amanhã à noite e vou mostrar a você”. David tinha uma pequena sala de projeção e exibiu aquilo só para mim. Em película.

E como essa amizade levou

à dedicatória que abre “Bucking Fastard”?

Quando terminei de montar este filme, virei para o montador e disse: “Vamos ligar para David Lynch. Ele deve ser a primeira pessoa a assistir”. E ele me respondeu: “Mas David morreu há um ano”. De repente pensei: “Meu Deus, eu havia esquecido de que ele tinha morrido”. Eu gostava tanto dele que isso se passou... ele seguiu comigo. Queria que ele fosse o primeiro a assistir ao filme. Não procurem significados mais profundos.

O senhor rodou a saga do conquistador Aguirre, nos anos 1970, tratando-o como um rebelde, e filmou muitos personagens movidos por impulsos extremos. Agora temos duas irmãs absolutamente tomadas pelo amor uma pela outra. Num tempo marcado pela inteligência artificial, esse apego tão humano pode ser entendido como uma forma de rebeldia?

Se olharmos para a inteligência artificial, talvez seja uma forma de rebeldia justamente porque isso é tão humano. Quanto do nosso pensamento, dos nossos sonhos, do nosso amor queremos delegar à internet? Mas tenho cuidado com a palavra “obsessivo”, porque todo mundo acha que eu devo ser obsessivo. Não sou. Sou focado.

Existem imagens e entrevistas das irmãs reais que inspiraram o filme. O senhor pediu, porém, que elenco e equipe não assistissem a esse material. Por quê?

Eu conheci essas irmãs muitos anos atrás e disse a todos da equipe e aos atores: “Não assistam às imagens que existem delas”. Nós não estamos contando a história delas. Eu inventei uma história completamente diferente da vida dessas duas irmãs. Dois corpos, mas uma só alma. Não queria que ninguém as imitasse. Precisávamos inventar as nossas irmãs. Se falarmos das irmãs reais, isso pode induzir o público ao erro, pois a história que conto é diferente.

O senhor realizou documentários e ficções. O que há na distância entre realidade e invenção?

Este filme é inventado, embora seja vagamente baseado numa experiência da minha vida. É preciso fazer uma distinção: uma coisa é experimentar a vida; outra é contar uma história. Isso fica muito claro quando olhamos para as paisagens do filme, para as cavernas na Irlanda. Elas existem de verdade, mas são transformadas em paisagens da alma. Existe uma transformação. E é isso que o cinema faz.

Dia de **Concha de Ouro** na cidade



‘Tender Loving Care’, longa que premiou o britânico Mike Leigh em San Sebastián traz ao Festival do Rio uma estética delicada

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Está confirmada a presença de “Tender Loving Care” no Festival do Rio 2026: sua estreia no evento se dá nesta quarta, às 14h15, no Cinesystem Belas Artes, em Botafogo. Trata-se de um ímã de suspiros, mesmo quando passa pela dolorosa seara da erosão da saúde (e da lucidez). É um Mike Leigh para sempre. Domingo, às 18h30, pouco antes de a maratona cinéfila carioca dar adeus à cidade, haverá mais uma projeção dele, às 18h30, no Est. Claro Rio. Sua passagem por San Sebastián, no norte da Espanha, em concurso, foi consagradora.



Divulgação

Kate O’Flynn foi laureada em Donostia por sua atuação como assistente social à luz de Mike Leigh em ‘Tendre Loving Care’

Há dois anos, o cinema estrangeiro, em especial o europeu, vive encantado pelo tema dos cuidados paliativos, examinando estratégias médicas, governamentais e parentais de amparar doentes e idosos com a dignidade acima da farma-

cologia. O tema encontrou seu apogeu em “O Quarto ao Lado”, que deu o Leão de Ouro de Veneza ao manchego Pedro Almodóvar, em 2024. Naquele mesmo ano, o franco-grego Costa-Gavras tratou do assunto sob a perspectiva de um

médico e de um filósofo em “Uma Bela Vida”. Sua passagem pelo Festival de San Sebastián nº 72 terminou sem prêmios. Aliás, passou-se o mesmo com o ótimo “Hard Truths”, que marcou a estreia do octogenário artesão britânico Mike Leigh no

certame basco, após cinco décadas e meia de carreira. Este ano, ao se afinar com a discussão da finitude no cirúrgico “Tender Loving Care”, ele voltou a Donostia e fortaleceu essa tendência conteudística. Com ela, numa toada das mais afetuosas, ganhou a Concha de Ouro e a láurea de Melhor Roteiro, além de render um troféu de atuação para sua afiada estrela, Kate O’Flynn.

A atriz interpreta Amy, trabalhadora da proteção de idosos e de menores que passa os dias ouvindo, acolhendo e tentando amparar vidas quebradas, ao lado da amiga Rosie (Alice Bailey Johnson), também assistente social. O cuidado, porém, deixa de ser apenas profissão quando Amy retorna para casa e encontra os próprios pais, Birdie (Marion Bailey) e Geoff (Paul Jesson), entrando na fase em que a autonomia já não pode ser tomada como uma certeza. Mike Leigh constrói vasos comunicantes entre a assistência social e a assistência familiar: a mulher que cuida de crianças e famílias vulneráveis precisa aprender a cuidar também dos que a criaram. Há, contudo, uma precisão visual que impede que “Tender Loving Care” se reduza à delicadeza de seu tema. Leigh trabalha os enquadramentos com esmero, encontrando na organização do espaço uma maneira de falar sobre abandono. O Festival do Rio termina no próximo dia 11.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.



O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS



RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA DO CORREIO DA MANHÃ



PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA E SECRETÁRIA DO CEDIM



CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA



AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ



GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SÉT POR SÉT E APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

Uns chamam de amor. Yukiko Sode chama de liberdade



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

U dos filmes que levaram o Palais des Festivals de Cannes a se engatar, em coro, naquele sonoro “Ownnnn!!!” reservado às histórias capazes de gerar ternura, “Todos os Amantes da Noite” (“All The Lovers In The Night”) chega nesta quarta-feira ao Festival do Rio. A sessão está marcada para as 13h30, no CineCarioca José Wilker, com repeteco no domingo, às 20h30, no Estação Claro Rio. Selecionado para a Un Certain Regard na Croisette, o longa da cineasta Yukiko Sode redesenha códigos do romantismo ao aproximar duas pessoas que encontram uma na outra não a promessa de completude, mas a possibilidade de preservar singularidades.

No dia de sua apresentação em Cannes, seu astro mais conhecido, Tadanobu Asano, celebrava também o êxito de sua mais re-

‘Todos os Amantes da Noite’, sensação japonesa de Cannes, chega ao Festival do Rio nesta quarta, com Tadanobu Asano e Yukino Kishii numa delicada história sobre duas solidões



‘Todos os Amantes da Noite’ brigou pelo troféu Un Certain Regard de Cannes

cente investida em Hollywood, “Mortal Kombat 2”. Intérprete de Lord Raiden, o Senhor dos

Relâmpagos, na franquia inspirada no videogame que marcou os anos 1990, o ator brincou com o

Correio da Manhã na Croisette ao evocar a expressão nerd “Fatality”, típica do jogo. Em “Todos os

Amantes da Noite”, porém, seu registro é outro. A direção de Sode constrói um pavimento de lirismo para uma quase “love story” feita mais de aproximações, silêncios e pequenos gestos do que das convenções tradicionais do romance.

“A forma como vejo as relações amorosas não tem lugar para perdas de individualidade. Se tenho duas pessoas, tenho duas singularidades e quero que ambas possam correr livres, sem depender uma da outra, respeitando o espaço alheio”, disse Sode ao Correio, em Cannes, ao lado de Asano e Yukino Kishii.

Adaptado do romance de Mieko Kawakami, “Todos os Amantes da Noite” acompanha Fuyuko (Yukino), uma revisora freelancer cuja existência é pautada pelo isolamento. Quase sem contato com outras pessoas, ela preserva um ritual particular em seus aniversários: caminhar sozinha pela cidade à meia-noite. Essa rotina começa a se transformar quando conhece Mitsutsuka (Asano), um reservado professor de Física que a convida a conversar sobre a luz. Os encontros tornam-se frequentes e, pouco a pouco, os dois permitem que segredos e feridas venham à superfície. “Quando descobri a obra do já falecido Edward Yang, encontrei um retrato delicado da sociedade de Taiwan, mas esse olhar aparecia sempre por meio da observação das trocas entre indivíduos. O centro da obra dele eram as pessoas. O meu também é, embora elementos culturais do Japão e marcas do melodrama apareçam neste filme”, explica Sode. “Sigo os desejos de Fuyuko e Mitsutsuka e acompanho os sentimentos deles antes de me prender a qualquer parâmetro da nossa sociedade”.

DICAS DE QUARTA - FESTIVAL DO RIO

POR RODRIGO FONSECA



CHICA CHECA, de Šimon Holý (República Tcheca): Zdena é uma viúva de meia-idade que leva uma rotina pacata como carteira em uma pequena aldeia no interior da República Tcheca. Enquanto cuida de sua mãe debilitada, ela recebe a visita do filho, Lukáš, que mora em Paris. O retorno dele desencadeia a revelação de algo até então ignorado pela família: longe de casa, o jovem não trabalha em um banco, mas atua profissionalmente como a drag queen. Onde: Cinesystem Belas Artes, às 16h30.

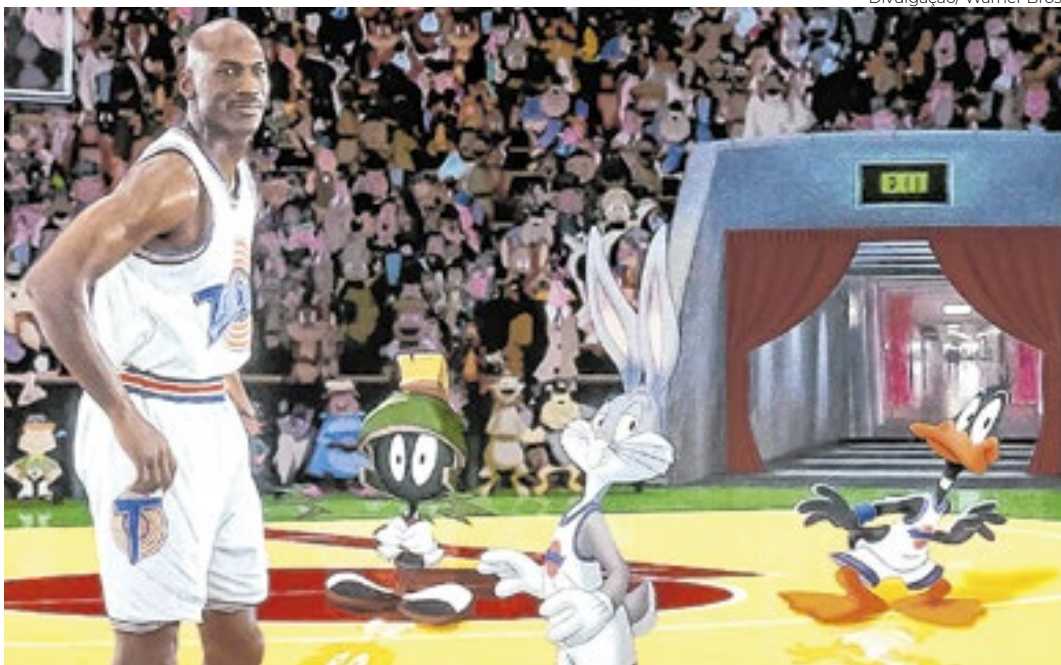


ROSEBUSH PRUNING, de Karim Aïnouz (Itália/ Espanha/Reino Unido): O dínamo cearense de “Madame Satã” (2002) meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com este elegantíssimo tratado sobre perversões e rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor fez (com elenco internacional classe AA). Onde: Reserva Cultural 1, às 16h40.



AMOR E FÉ – CHICA XAVIER, de Clementino Junior (Brasil): Francisca Xavier Queiroz de Jesus (1932-2020) é viva. Vive na saudade da gente, na memória das lutas decoloniais do Brasil, nos acervos da TV, nas recordações das batalhas do povo preto deste país para ser respeitado e... agora... viverá na programação do Festival do Rio 2026. Atriz do mais alto quilate dramático, Chica nasceu em Salvador e mudou-se para o Rio em 1953, onde se tornou um ícone do teatro, cinema e TV, consagrando-se como símbolo de representatividade. Onde: Estação Claro Gávea, 18h15.

Divulgação/ Warner Bros.



Misturando animações 2D com o craque Michael Jordan e atores de carne e osso, 'Space Jam: O Jogo do Século' volta às telonas para comemorar o aniversário de 30 anos

Divulgação



Clássico inesquecível do cinema de suspense, "Os Pássaros", de Alfred Hitchcock, integra a programação da Temporada do Terror do Cinemark

Em meio a onda de nostalgia, relançamentos de filmes antigos nos cinemas viram tendência

Os clássicos da 'nova geração'

PEDRO SOBREIRO

Durante a pandemia, enquanto o mundo discutia quais seriam os rumos das salas de cinema pós-Covid, uma hipótese de que esses espaços virariam centros de experiências "retrô" para uma parcela nostálgica do público, mais ou menos como a volta do vinil e das câmeras digitais, foi sondada. Naquela época, o streaming vinha como uma alternativa avassaladora e parecia caminhar para se tornar o principal meio de consumo cinematográfico mundial. No entanto, algum tempo após a resolução da pandemia, as salas de cinema do mundo estão, mesmo que aos poucos, reencontrando seu público.

Ainda assim, o ano de 2026 vem mostrando que aquela ideia de transformar o cinema em um tipo de centro "retrô" não foi completamente abandonada, mas adaptada. E o mês de outubro é uma grande prova disso.

O mês foi aberto com sessões de "Vingadores: Ultimato - Encores", uma nova versão do fenômeno de crítica e bilheteria de 2019, que trouxe cenas inéditas e uma leve alteração no final, fazendo conexão com o próximo filme dos super-heróis, 'Vingadores: Doutor Destino', que estreia em dezembro deste ano.

A ideia foi inicialmente criticada, mas atraiu público o suficiente para fazer com que 'Ultimato' ultrapassasse 'Avatar' (2009) e se



Aventura de Relâmpago McQueen pela cidade de Radiator Springs completou 20 anos em junho, e volta aos cinemas nesta quinta (8)

tornasse a maior bilheteria da história do cinema. No Brasil, por exemplo, mais de 500 mil espectadores assistiram o relançamento.

E a tendência segue. Nesta quinta-feira (8), em celebração aos 20 anos da saga, o filme "Carros" volta aos cinemas do mundo todo em sessões limitadas.

Em contato com a Disney Brasil, o Correio da Manhã confirmou que a dublagem do filme será a original de 2006.

Na semana seguinte, será a vez de outro sucesso dentre a molecada dos anos 2000 retornar às telonas. Isso porque a Warner Bros. confirmou que 'Space Jam: O Jogo

do Século', aventura animada que une o ídolo do basquete, Michael Jordan, aos Looney Tunes, ficará em cartaz nos cinemas brasileiros entre 15 e 21 de outubro. O filme também chega para celebrar uma marca: 30 anos de seu lançamento original.

Críticas mornas, públicos bons

Em comum, os dois filmes têm a memória afetiva dos Millennials e uma recepção morna, para não dizer negativa, da crítica da época em que foram lançados originalmente.

'Carros', por exemplo, teve as

primeiras críticas medianas da Pixar, mas rendeu uma trilogia devido a seu apelo com a molecada e um poderoso valor de licenciamento de produtos, com coleções de brinquedos e produtos lançados ininterruptamente há 20 anos. Essa presença constante fez de 'Carros' uma franquia muito querida também pela geração atual, que enfim terá uma chance de ver o filme original nos cinemas.

Já 'Space Jam' foi tratado como um filme bobo desde seu lançamento, sendo tratado pela crítica da época como uma viagem pelo ego de Michael Jordan. Ainda assim, o filme tem, até hoje, a maior

bilheteria mundial de um longa sobre basquete.

Clássicos no Cinemark

Se os filmes de críticas mistas estão voltando, os clássicos consagrados não ficariam de fora. Em celebração ao Halloween, a rede Cinemark vai trazer de volta aos cinemas, entre 15 e 21 de outubro, clássicos do terror, como 'Os Pássaros' (1963), de Alfred Hitchcock, e 'O Exorcista' (1973).

Fato é que a onda dos relançamentos nas grandes redes parece ter chegado para ficar, e este mês de outubro de 2026 pode ter bastante influência no mercado brasileiro.

Com as bênçãos do maestro

No ano do centenário de Moacir Santos, a Casa do Choro dedica outubro à obra do pernambucano; nesta quarta, o projeto Rio de Música apresenta o resultado de uma imersão na música do compositor

AFFONSO NUNES

“Abênção, maestro Moacir Santos, que não és um só, és tantos” — o verso de Samba da bênção, de Vinicius de Moraes e Baden Powell, ganha corpo em outubro no Rio. No ano em que Moacir Santos (1926–2006) completaria cem anos, a Casa do Choro recebe, de 1º a 29 do mês, o Festival Moacir Santos 2026, sempre às quartas e quintas, às 19h, no Auditório Radamés Gnattali. Na quarta, 7, o palco é do Rio de Música, que apresenta o resultado de uma imersão dedicada à obra do compositor.

Braço da ONG Rio de Paz, o Rio de Música é uma iniciativa sociocultural da Zona Norte carioca, fundada em 2013 no Jacarezinho, voltada à democratização do acesso à educação musical e à criação de espaços de convivência e pertencimento. Reúne crianças, jovens, adultos e idosos, além de pessoas com deficiência — a ação conjunta de professores, alunos e comunidade já envolveu centenas de pessoas. Em 2026, o projeto dedicou parte



O projeto Rio de Música é um braço da ONG Rio de Paz, fundada em 2013 no Jacarezinho

de suas atividades ao aprofundamento da obra de Moacir. O concerto de dia 7 apresenta ao público justamente o resultado dessa experiência.

Moacir foi, antes de tudo, o “músico dos músicos”: passaram por suas aulas Baden Powell, João Donato, Sérgio Mendes, Roberto Menescal,

Carlos Lyra, Aírto Moreira e Flora Purim. Nascido em 26 de julho de 1926 em Flores, no Sertão do Pajeú, foi deixado para adoção e salvo pela educação musical: aos 14 anos já tocava vários instrumentos antes de fugir de casa e chegar ao Rio, onde entrou para o elenco da Rádio Nacional no fim da década de 1940.

Foi dele “Coisas” (1965), o disco mais cultuado de sua discografia. Mudou-se para os Estados Unidos em 1967 e morreu em Pasadena, em 2006, aos 80. A obra seguiu venerada pelos músicos e pouco conhecida do grande público até o Projeto Ouro Negro (2001), de Mario Adnet e Zé Nogueira, que completa 25

anos em 2026.

O festival tem idealização e curadoria da flautista Andrea Ernest Dias, autora da biografia Moacir Santos, ou os caminhos de um músico brasileiro (Folha Seca/Cepe), com produção da Fulô Cultural. Realizado pela primeira vez em 2013, no Recife, chega à quarta edição mostrando a produção musical carioca em torno do maestro, dos choros de juventude às construções orquestrais. A abertura, no dia 1º, uniu o Andrea Ernest Dias Quarteto a Mario Adnet. No dia 8, o Quarteto Coisas recupera os choros de juventude de Moacir; no dia 14, a Orquestra Balogun aproxima a homenagem das matrizes africanas; no dia 15, Henrique Band lidera o coletivo “Moacir 360º”; no dia 21, a Orquestra Pro Arte retoma sua homenagem de 2004; no dia 22, o Água de Moringa homenageia os mestres de Moacir, Radamés Gnattali e Guerra-Peixe. O encerramento, nos dias 28 e 29, reúne a Orquestra Furiosa Portátil e o clarinetista Nailor Proveta, veterano das gravações de Ouro Negro.

SERVIÇO

FESTIVAL MOACIR SANTOS 2026 — RIO DE MÚSICA
Casa do Choro (Rua da Carioca, 38, Centro)
7/10, às 19h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

CRÍTICA DISCO | KIZOMBA

AQUILES RIQUE REIS*

Foi com essa despedida no idioma kimbandu que Ricardo Valverde finalizou a mensagem que, a meu pedido, contextualizava seu novo trabalho. Sem isso, me dificultaria entendê-lo tão profundamente.

Iniciado no candomblé Angola, Valverde recebeu de Pai Kylonderu a digina (nome de santo) de Ymberekwe. Sua Casa é a Kyloatala e ele é Kambando (como chamam ogã em Angola), e lá em sua comunidade, no Cipó Guacú, as pessoas o chamam de Tata Ymberekwe.

Assim, hoje vamos com o álbum “Kizomba” (independente), do vibrafonista, compositor e arranjador Ricardo Valverde, no qual o músico mescla suas raízes ancestrais com o vibrafone e as múltiplas sonoridades afro-brasileiras. Em Kizomba, quase todas as doze músicas estão em kimbandu.

Além de instrumentistas laicos, Valverde convocou músicos ligados

a comunidades de terreiro, que dominam a linguagem que têm nas mãos: o baixista Marcos Paiva e os percussionistas Samba Ossale, Mukambila e Leandro Perez.

Debruçado sobre ritmos e claves do candomblé de Nação Angola, com composições inspiradas nos nkises, Valverde nos revela desde arrebatos, kongos de ouro, sambas kabila e barraventos, até ijexás e quebrados, agregando-os aos ritmos da música brasileira com os timbres do seu vibrafone, como cordões de amarração.

Algumas faixas do trabalho que você ouve completo em <https://11nq.com/61xy936>:

“Arrebate” (Ricardo Valverde):



de): no ritmo que dá título à música, comumente usado na entrada dos mona nkises (filhos de santo) no barracão, no começo da kizomba (festa), o acordeom vem com o vibrafone que lhe abre portas e caminhos para onde o som os leva.

Ritmado pelos atabaques, o tema soa iluminado pelo vibrafone que improvisa, enquanto ouve-se toques delicados da flauta. “Vunge” (Ricardo Valverde): o clarone resenha num duo com o vibrafone. O resultado é de arrepiar. Os atabaques intercedem para amalgamar a massa sonora, de onde as notas do vibrafone vêm balançar no ar, bem onde está o sax soprano que lampeja. Já os atabaques seguram a onda do improviso do baixo. “Kaya” (Ricardo Valverde), um “quebrado” que o vibrafone traz à cena, é o tema que fecha a tampa do jovem álbum de Ricardo Valverde: a guitarra e o baixo vêm com o vibrafone que, “mo-

destamente”, se coloca a serviço da beleza que flui e reflui ao sabor do ofício de instrumentistas que são puro ouro em pó.

“Kizomba” é o momento genial de um instrumentista que tem de figurar na prateleira de mestres da música instrumental do Brasil. Xala ni Nzambi!

Ficha técnica

Ricardo Valverde: composições, vibrafone e arranjos; Marcos Paiva: contrabaixo elétrico; Samba Ossale, Mukambila e Leandro Perez: atabaques. Participações especiais: Pablo Moura (acordeom), Vini Sampaio (guitarras), Sérgio Coelho (trombone) e Phellyppe Sabo (sax soprano, flauta e clarone); Bruno Reis: mixagem, masterização e produção artística; Guilherme Valverde: arte visual e capa.

*Vocalista do MPB4 e escritor

O direito de parar

Natália Anjos/Divulgação

Espectáculo transforma a rotina dos transportes públicos em pergunta sobre quem pode circular pela cidade

Estreia na próxima quinta (8) no Multiuso do Sesc Copacabana, “Paragem”, espetáculo inédito de dança contemporânea idealizado por Júlia Fernandez e Luna Leal e que questiona para quem, afinal, as cidades são construídas?

A matéria-prima de “Paragem” é algo que ninguém considera arte: o trajeto. Caminhar, esperar, embarcar, atravessar, chegar. Ao transformar gestos cotidianos do ato de se deslocar em coreografia, o espetáculo aproxima dança, cidade e cidadania, e trata a mobilidade menos como possibilidade de ir de um ponto a outro e mais como direito que interfere no acesso ao trabalho, à educação, à saúde, à cultura e ao lazer.

Não por acaso, a discussão reencontra uma formulação clássica: o “direito à cidade”, conceito cunhado pelo filósofo Henri Lefebvre nos anos 1960 e hoje central em qualquer debate sobre urbanismo e justiça social — a ideia de que a cidade pertence a todos que nela vivem, e não apenas a quem pode pagar por ela. A origem do trabalho remonta a “Central Deriva”, projeto concebido para apresentações em plataformas de trem do estado do Rio de Janeiro. “Paragem” é esse material recompensado: as sensações, tensões e contradições de quem usa o transporte público agora ganham outros contornos na cena. Ao longo de sete cenas, a montagem transforma em movimento longos deslocamentos, esperas, barreiras físicas e sociais e as desigualdades no acesso aos diferentes territórios da cidade. Na produção, o corpo funciona ao mesmo tempo como território e instrumento de investigação.

“Em Paragem queremos recriar os estados, remontando histórias cotidianas que deslizam entre memória e esquecimento. Paragem é o sonho de Central Deriva, só que vindo depois. A proposta é enfatizar os estados de suspensão no meio da correria do dia a dia, aquele devaneio que surpreende e te pega no



‘Paragem’ explora, em sua coreografia, movimentos cotidianos das pessoas em deslocamento

meio da passagem. O projeto de pesquisa começa a partir da nossa experiência nos transportes públicos. O deslocamento entre lugares, os passageiros que frequentam, os sons que preenchem esses espaços se tornam material, referência, para a criação das cenas e das coreografias”, comenta Júlia.

A pesquisa procura se aproximar das performances cotidianas para a partir delas enfatizar a dança que já acontece. “A dança contemporânea como intermediária da expressão, que comunica ao espectador sem necessariamente a urgência de uma fala”, completa.

A pergunta que organiza a montagem escorrega, cena a cena, para questões maiores. Quem consegue circular livremente? Quais corpos encontram mais barreiras? Quais regiões são mais acessíveis? Quanto da vida se gasta nos trajetos? São os desdobramentos que Luna Leal espera ver chegando ao público. “Eu espero que Paragem chegue ao público como uma experiência de encontro e de reconhecimento.

“A cidade é atravessada por todos nós, mas cada corpo experimenta seus deslocamentos de uma maneira diferente. O espetáculo nasce desse olhar para os corpos que

circulam, esperam, atravessam, disputam espaço e, por vezes, precisam parar. Paragem coloca em discussão como as desigualdades sociais também determinam quem pode circular, quanto tempo cada pessoa precisa gastar em seus deslocamentos e quais barreiras diferentes corpos encontram pelo caminho”, reflete Luna.

Além de Libras e audiodescrição em todas as apresentações, o projeto prevê ações de mobilização e sensibilização voltadas especialmente às pessoas com deficiência — e, o mais raro, transporte para esse público. “Desejo que o espectador seja atra-

vessado pelas questões levantadas, que acesse memórias, texturas, cheiros e sonhos. Paragem é um convite para sonhar”, finaliza Luna.

SERVIÇO PARAGEM

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
De 8 a 18/10, de quinta-feira a domingo (19h), sábados e domingos (17h)
Ingressos: R\$ 40, R\$ 36 (conveniados), R\$ 31 (conveniados empresários), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 20 (meia) e grátis (PCG)

Vem viver + diversão

Alegria boa é aquela que se compartilha.

Aqui é assim e, por isso, oferecemos programações de recreação e lazer para todas as idades durante o ano inteiro. No Sesc RJ, tem arraiá, parque aquático, colônia de férias e diversos eventos para você curtir, conviver e aproveitar. Diversão aqui é levada a sério.

Vem viver o Sesc RJ.



VEM SABER +



sescrj.org.br/diversao

portalsescrj sescrj sescrj

sesc

A maior marca
de bem-estar
social do RJ